

ALUCTA

Santa Catharina—Desterro—Quinta-feira, 23 de Julho de 1885

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO 21

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Barão da Laguna n. 14, á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso a 40 rs.

O numero atrazado da «Lucta» custará 100 rs.

Publica-se annuncios a 40 rs. a linha e artigos ineditoriaes a 60 rs.

Ficam encarregados de receber assignaturas para a «Lucta» os seguintes senhores:

Francisco Monteiro Cabral, na Laguna e freguezias

João Cabral de Mello, no Tubarão.

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes, tanto da capital como de fóra, se sirvam reclamar immediatamente, quando houver irregularidade na entrega d'esta folha.

Os originaes enviados á redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

O sr. Aristides Espindola, da Bahia, n'uma das sessões da camara dos deputados, fez um discurso em que atacou de frente a E. de F. D. P. I., sem que nenhum dos nossos representantes

achasse um aparte, sequer, para oppôr á eleguencia destruidora do deputado bahiano.

O sr. Schutel, apenas, caricato sempre, enviou á meza um requerimento, naturalmente com referencia ao plantio da batata no leito da futura estrada, que, a esperar-se pelos bons desejos dos nossos dous *fagundes*, nunca mais se realizará.

Quousque tandem!...

Pelo nosso intelligente amigo sr. José Carlos de Carvalho fomos obsequiados com o *Historico* dos factos mais importantes occorridos durante a prorogação da sessão extraordinaria da 19ª legislatura.

E' um trabalho digno de ser lido, e que bastante valor encerra para aquelles que procuram andar a par dos trabalhos parlamentares.

Agradecemos ao digno redactor da acta e dos annaes da camara dos deputados.

EMILIO ZOLA

Transcrevemos:

«O Sr. Zola tem 45 annos. Caso estranho, este intransigente, ante quem se abrem as portas de todas as ante-camaras, é a natureza menos mundana que se conhece. O marulho da cidade interessa-o, mas estontena-o; a sociedade instrue-o, mas fatiga-o. Assim, o poderoso escriptor

vai installar-se em uma pequenina casa afastada, a vinte minutos de Triel, em Médan, longe do caminho de ferro e do telegrapho.

Poderia ser rico, mas não o é. Casado e sem filhos, não precisa fazer economias: gasta a torto e a direito tudo o que ganha. Manda construir casas, compra terrenos, moveis, quadros, objectos de arte.

A habitação em que viveu, outros tempos, foi substituida por uma residencia imponente e sumptuosa. Originalissima, a torre quadrada, onde está installado o seu gabinete de trabalho, atulhado de bujigangas da meia idade—um gabinete de 80 metros quadrados.

Eis o homem em «robe de chambre». Adora os cães e os gatos. Tem oito gatos e cinco cães de diversas raças. Ha tempos perdeu o seu Terra Nova.

Lembra-se dessas paginas pungentes da «Joie de vivre», em que elle descreve a agonia de um cão velho! Ah! a arte sincera, a arte sentida—a expressão da dor que se soffreu!

Em Pariz, Zola habita uma casa da rua de Bolonha.

Deita-se tarde e levanta-se cerca das 8 horas. Trabalha com uma regularidade rigorosa. Depois do almoço dá um passeio, acompanhado dos seus cães, ás 9 horas e meia lança-se ao trabalho e prolonga-o até a uma hora. Esta longa sessão de composição é a unica do dia, porque o romancista nunca trabalha á noite, excepto quando tem de escrever para os jornaes.

A's quintas-feiras recebe os seus amigos. São ao todo uns dez; entre estes, Goncourt, Alphonse Daudet, Aléxis, Céard, Charpentier, Huysmans, e o pintor Guillemet.

Apezar disto é affabillissimo para

todos. O artista é um estylista feroz, intransigente, um polemista temivel; o homem é um selvagem amavel.»

RECLAMAÇÃO

Do nosso collega do «Babitonga», de S. Francisco:

«Continuam os professores publicos primarios, com algumas excepções talvez... a trabalhar mezes e mezes sem vêr dinheiro! S. exa. o ex-presidente sr. dr. Paranaguá mandou pagar-lhes até março, e, d'então, os d'esta cidade, que sabemos com a maior evidencia, até agora nem mais vintem teem recebido! Por falta de dinheiro na meza de rendas provinciaes? Não, porque esta, como agora, tem remettido avultados saldos para a capital. Por falta então de que? Ora de que! de que ha de ser?—da celeberrima, ronceira e anti-pedagogica ordem do thesouro provincial!...

E sempre este thesourol...

Decididamente este thesouro está o vinagre do magisterio!

S. exa. o sr. dr. Palmeiro, de superioridade intellectiva, se dignará ver si é ou não esse procedimento do thesouro uma supina crueldade, e a precisão das tues ordens mensaes para que os professores possam receber o que se lhes deve, uma iniqua sem razão. A s. exa. pois, com o maior respeito, impetramos as necessarias providencias para que, de uma vez, tenha fim essa origem de desgostos e desanimo do professorado primario.

O sr. dr. Paranaguá disse que, de preferencia a quaesquer outros pagamentos, se effectuasse os devidos aos professores até março; si nos fosse permitido uma liberdade, diriamos que aquillo ainda carecia deste additivo: e todos os mais mezes sem precisão de ordens do thesouro provincial.

Finalmente,ahi fica mais esta nossa reclamação, que para não alongarmos nem estarmos a repetir, terminamos com a indicação do quanto, *mutatis*

mutandis, referentemente ja temos dito e reclamado nos ns. 1. 2. 5. 8. 11 e 12 deste periodico.

Justiça, exm. sr.; o professorado primario aguarda a justiça de v. exa.»

Esteve brilhantissima a *soirée* offerecida aos moços do commercio da côrte, na noite de sabbado, no *Club 12 de Agosto*.

Apezar da chuva, que parecia querer inundar a nossa cidade, apezar da lama que, a cada passo, nos fazia lembrar a camara municipal, o vasto salão encheu-se de elegantes senhoras e distinctos cavalheiros, e até a madrugada todos se esqueceram do frio para se divertirem e divertirem muito.

Nada houve que perturbasse a agradável reunião: tudo correu na mais perfeita harmonia, retirando-se todos os convidados satisfeitissimos com as amabilidades de que se viram cercados.

Foi uma noite cheia.

Legenda da natureza

Um archeologo inglez, o Sr. King, no seu estudo sobre as flores e as arvores, descreve com um sentimento muito poetico as lendas e as tradições que a velha Inglaterra ligava ás flores e ás arvores que crescem no seu territorio.

O carvalho era principalmente objecto de adoração geral.

Era á sombra de grandes carvalhos de Hamilton, na Escossia, que a tradição collocava e residencia do encantador Merlim, e entre os carvalhos anões que cobriam os declives das collinas do Dartmoor, que os Druidas habitavam e faziam os seus sacrificios.

O freixo era cultivado com o maior cuidado nas florestas do norte, onde era objecto de profunda veneração;

é dali provavelmente que vem o uso de collocar ao seu abrigo as casas que levantaram nos terrenos communaes do Hampshire ou do Devonshire.

As superstições que se ligam áquella formosa arvore são communs em muitos paizes.

Hans, o grande, allude á crença, geralmente propalada, de que a serpente não ousa approximar-se do freixo e de que o viajante nos condados do sudoeste da Inglaterra sabia que nas suas perigrinações bastava traçar um circulo com uma vara de freixo em volta de uma vibora adormecida, para que ella já d'alli não pudesse sair.

O sabugueiro deu lugar a mais de uma tradição.

Nos condados do centro da Grã-Bretanha crê-se geralmente que o sabugueiro foi escolhido para fazer a cruz do Salvador do mundo; além disso crê-se que foi em um sabugueiro que Judas se enforcou.

Sir Juan Mandeville nas suas viagens aponta até a situação daquella arvore de Judas; foi-lhe mostrada muito perto do tumulo de Absalão.

Este aventureiro cavalheiro conservou-nos muitas outras tradições curiosas.

Segundo diz elle, a corôa de espinhos era formada de cannas do mar, e metade desta corôa está em Pariz e a outra metade em Constantinopla.

O lyrio e a rosa, as mais encantadoras das flôres, são os emblemas da pureza e formosura da Virgem.

Uma tradição quer que as gotas de sangue que Christo derramou na cruz tenham marcadas com suas manchas uma especie de orchideas.

Na Bretanha acredita-se que a mancha vermelha que o pintarroxo tem no peito provém de uma gota de sangue que lhe cahiu em cima, na occasião em que se esforçava debalde para arrancar com o bico um dos espinhos da coroa do Salvador.

Uma bella traducção de uma poesia de Longfellow, attribue a mesma tradição ás pennas purpureadas de uma ave do genero dos pardaes, que

habita os paizes do norte, a Suecia, a Noruega e a Escossia.

Os frades trouxeram dos paizes do Oriente grande numero de plantas que depois passaram a ser ornamento dos jardins da Inglaterra, entre outras a anemone escarlate da amendoeira, com flores que, como a rosa e o lyrio, é um dos symbolos da Virgem.

Temos á vista o n. 380 do *Mequetrefe*.

Esplendido, como sempre.

Entre as brilhantes illustrações do presente numero destacamos — *O novo Hercules*:

O sr. Nabuco descarregando a massa do abolicionismo sobre a hydra do esclavagismo, cujas cabeças representam os homens que mais se têm *distinguido* na cruzada negra.

Muito bem.

O texto está variado, e contém uma linda historieta de Cattle Mendés — *O presente de Sara Noel*.

Com a peça em tres actos — *Primeiro amor* — traducção do sr. Horacio Nunes, e a comedia *Pio do Mocho* — original do sr. Ramos Junior, realizou-se antehontem a segunda recita da *Associação Dramatica Catharinense*.

O espectáculo correu bem, sendo bastante applaudidos os amadores.

Ficamos agradecidos pelo convite com que nos obsequiaram.

GALERIA DE TYPOS

Domingo publicaremos o ultimo *typo* da primeira série da nossa *galeria*.

TIBURCIO.

Nada menos de dous incendios, em Tijucas Grande, de 24 a 29 do passado.

O primeiro destruiu uma casa de propriedade de Manoel Silveira; o segundo um engenho de farinha de Miguel Antonio.

O sr. Ricardo Quintino Pereira, em Tijucas Grande, restituiu á liberdade sete escravizados.

Bellissima acção para a qual não ha applausos bastantes.

O ultimo numero do *Moleque* vem alegre como uma creança bem disposta.

Quer no texto, quer nos desenhos, o nosso collega aponta para alguns ridiculos, *anatomi-sando-os* e fazendo-nos rir.

Mas....

Olhe, collega, não gostamos do que disse á respeito dos *cometas*.

O collega é delicado, generoso e não devia ter tocado n'esse assumpto.

Os anonymos que se encarregassem d'elle.

Não acha?

Libertamento

(Conclusão)

—Então tu não querias parecer-te com o teu papá? replicou ella, com voz quasi tremula.

—O papá é bonito, mas a mamã ainda o é mais; tem os cabellos compridos, muito compridos, e as suas mãos são pequenas, muito pequenas... Não conhece a mamã?

—... Não.

—E porque a não conhece?

—Não sei, respondeu ella abaixando a cabeça, em quanto as lagrimas lhe assomavam aos olhos.

Paulo contemplou-a com curiosidade, e calou-se. Ella levantou-se e foi buscar-lhe bolos, que elle recusou, apesar de os mirar, como uma creança bem educada que não ousa acceitar o que deseja.

—Porque não queres tu bolos?

—Não acceito; agradecido.

—Mas se gostas d'elles, porque não comes? Foi na escola que te ensinaram isso?

—Não, foi a mamã quem m'o ensinou; eu não vou á escola.

—E quem te dá lições?

—A mamã. Como ella não poderia estar só desde manhã até ás 3 horas, ensina-me a ler e a escrever até ao meio dia.

—E ao meio dia?

—Almoçamos: a mamã e eu.

—Só os dois?

—O papá nunca almoça connosco. Tem muito que fazer, muitos negocios, até de mais.

Fez-se um curto silencio.

—Toma os bolos, Paulosinho,

—São muitos, disse Paulo, prestes a ceder á tentação.

—Reparte-os com algum dos teus amigos.

—Não os tenho.

—Então com quem brincas?

—Com a mamã, quando está disposta a isso.

—Nem sempre o está?

—Não.

A creança olhou para ella e não respondeu. Pelo rosto de Flavia passou rapida uma expressão de susto. Mas Paulo não deu por isso e não podia comprehender, nem a pergunta, nem os terrores de Flavia.

—Isso faz com que tu não te divirtas muito? retorquiu ella, diligenciando suffocar a commoção.

—Divirto, sim. A mamã borda, toca piano, e eu vejo as estampas dos livros, brinco construindo casas, vou para a janella ver quem passa na rua.

—E estão sempre sós?

—Sempre; o papá devia fazer-nos companhia, mas tem os seus negocios, uma chusma de negocios!

—E quem te fallou d'esses negocios?

—A mamã.

—Ah!

—Ella tambem me conta historias quando estou aborrecido; mas são muito tristes as suas historias! Fazem-me chorar. Sabe de algumas que fazem rir?

—Não, meu menino. E é à noite que ella t'as conta?

—E', à noite. Eu antes queria ir ao theatro, onde o papá me levava antigamente com a mamã. Mas o papá já não pôde lá levar-nos, e vamos-nos deitar muito cedo. Elle recolhe muito tarde, de noite, muito tarde; passa muito devagar na outra casa, para não nos despertar. Mas a mamã está sempre acordada e sente-o; eu tambem ás vezes estou acordado. Ahi vem o papá, diz-me ella em voz baixa. Depois, quando o papá entra para me beijar, fechamos os olhos, fingindo que dormimos.

—O papá beija-te?

—Beija, e sae nos bicos dos pés, como entrou.

—E não beija a mamã?

—Não, respondeu a creança, muito pensativa.

—Estão tu dormes no quarto da mamã?

—Durmo: d'antes não dormia. Quando o papá foi fazer uma viagem de um mez, a mamã, que tinha medo de dormir sosinha, mandou pôr o meu leito no seu quarto; desde então fico lá.

Flavia deixou-se cair no fauteuil prostrada, como se fosse desmaiar. A creança olhou para ella com meiguice e espanto. Ella não fallava, não se mexia, e Paulo continuava a ter medo d'aquella senhora, que empallidecera do todo. Dava voltas ao chapéu e ia-lhe tardando que seu pae voltasse, para se ir embora. Depois, Flavia teve um estremecimento e Paulo leu-lhe uma tal dor no semblante, que lhe es-

tendeu os braços, como a sua mãe, e disse-lhe:

—Que tem?

Flavia desatou aos soluços, beijando o pequenino, surprehendido com aquelles choros e com aquelles beijos. As lagrimas da desditosa corriam-lhe pelas faces e sobre o pescoço de Paulo.

—Não chore, minha senhora, não chore assim. Isso não é nada.

—Já não choro, não, já não choro. Dá-me um beijo, como na mamã.

Paulo lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-a.

—Adeus, meu menino, fica ahi um bocadinho. O papá ha de vir para te levar. Eu preciso de sair.

—Poderei dizer á mamã que vim aqui?

—Porque?

—Porque o papá tinha-me dito que não lh'o dissesse.

Flavia, depois de reflectir, e parecendo ter vencido a sua ultima hesitação, respondeu-lhe:

—Diz-lh'o, meu menino; diz-lhe que estiveste em casa de Flavia.

* *

*

Desde aquelle dia, Cesar e Flavia não tornaram mais a ver-se.

MATILDE SERAO

ANNUNCIOS

COLLEGIO SANTA MARIA
INTERNATO E EXTERNATO
DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA
5 Rua da Paz 5

VISPORA

Acha-se de novo funcionando o antigo Vispora á rua Aurea.

Taranto.

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES
Praça Barão da Laguna
n. 23

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO
CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda 56
(CORTE)

Preço das assignaturas para as
provincias

Anno 20\$000

Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

Correspondente da Empreza n'esta
provincia

JOSÉ RAPOSO

APONTAMENTOS ORPHANOLOGICOS

Os Srs. subscriptores podem mandar buscar os exemplares de suas assignaturas, á Praça Barão da Laguna n. 23, onde se vende tambem cada volume daquella obra por 3\$000.

Um Bilhar

No escriptorio desta folha, informa-se quem tem um bilhar usado que vende por um preço insignificante.

Moveis

Vende-se um piano novo Pleyel, um guarda-vestido, um guarda-louça e um etagère de vinhatico, e bem assim uma mobilia de Jacarandá.

Para ver e tratar, á rua Formosa, n. 16.

E' PECHINCHA

Vende-se 16 braças de terras, com frentes ás ruas da Conceição e Aurora, ao sabir ao largo municipal (Matte Grosso). E' no lugar mais bello da cidade, pela bonita vista que têm.

Trata-se com—José Feijó.

CONSELHO AS MÃES.

O XAROPE CALMANTE DA SRA. WINSLOW deve usar sempre que os meninos padecem na dentição. Proporciona alivio immediato ao pequeno paciente, produz hum sono tranquillo e natural, calmando todas as dores, e logo amanceba o angustioso risinho e feição. É muito agradável ao paladar. Alivia a criança de amolecimento das gengivas, afugenta as dores, regula os intestinos, sendo o melhor remedio que se conhece para a diarrheia occasionada pela dentição ou por outra causa.